

revista do

Ano XXXVII Outubro de 2017 nº 135

ADVOGADO



AASP
Associação dos Advogados
São Paulo | Desde 1943

REFORMA POLÍTICA

A esperança como elemento aglutinador da reforma política.

Saul Tourinho Leal

Doutor em Direito Constitucional (PUC-SP).

Sumário

1. Introdução
2. Como a esperança pode nos ajudar
3. Reformar sem medo. Reformar com esperança
4. Desesperança com a política tradicional
5. O papel da esperança na vida política
6. Uma reforma política que mude o mundo
7. Considerações finais

Bibliografia

1 Introdução

Falar de reforma política, no Brasil atual, é fazer uma exortação ao resgate da esperança coletiva. É sobre isso que discorreremos nesse artigo. Graças a esse sentimento, cidadãos conseguiram pavimentar o caminho rumo à reconstrução de laços sociais esgarçados pelos caminhos conflituosos que a política costuma tomar. Somente assim se reconcilia uma nação dividida.

Líderes políticos que apostam na divisão, que sustentam o discurso do “eles contra nós”, que incitam ou toleram a violência contra cidadãos ativos, devem se conscientizar de que estão plantando sementes do ódio que inevitavelmente florescerão. Isso não é bom ao Brasil, nem compõe sua alma comunitária.

Um ambiente propício à reforma política só será construído com base na união das pessoas, motivadas pela esperança e dispostas a resistirem

e continuarem acreditando na democracia. É o que o presente artigo se dispõe a demonstrar.

2 Como a esperança pode nos ajudar

“Esperança é uma arma poderosa e nenhum poder na Terra pode lhe privar dela”, escreveu Nelson Mandela (2012, p. 462), em 23 de junho de 1969, numa carta a sua então esposa, Winnie Mandela enquanto estava preso na Ilha Robben, na Cidade do Cabo. Dia 15 de dezembro de 2013, aos 95 anos, ele seria sepultado em Qunu, uma aldeia num vale estreito repleto de campinas, cortado por riachos de água cristalina e rodeado de colinas verdejantes, onde passou a infância na companhia de seus pais. A atmosfera da África do Sul, ao contrário do que se supunha, era de celebração. Não havia desespero.

Qualquer reforma política que um país se disponha a fazer deve, antes de tudo, contar com a sinergia da comunidade na qual ela está inserida e para a qual ela se destina. Política se faz com o voto e, qualquer que seja o modelo de democracia, quaisquer que sejam seus elementos fundantes, jamais se fez democracia sem povo e sem voto na urna. Não haverá reforma política bem-sucedida distante disso.

E o povo, de tempos em tempos, toma as ruas, mostrando que há uma psicologia por trás do grupo. Nas palavras de Sigmund Freud, consiste numa “psicologia de massas”, que “trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para certo fim”. Para Freud (2011, p. 15), “em estados de exceção, produz-se numa comunidade o fenômeno do entusiasmo, que torna possível as mais grandiosas realizações da massa”. Não se faz uma reforma tão complexa como a política, no Brasil, sem gente entusiasmada com a chance de conseguir alcançar, de fato, o bem maior. “Nada de

grandioso jamais foi conquistado sem entusiasmo”, registra Ralph Waldo Emerson (1940, p. 290), com absoluta razão. Tudo por uma vida política de qualidade.

Qualquer reforma política que um país se disponha a fazer deve, antes de tudo, contar com a sinergia da comunidade.

Mas o que seria a esperança? Qual o conceito de medo? Como trabalhar esses dois opostos? Vamos recorrer às figuras políticas que o mundo produziu. Para John Locke, “esperança é o prazer que cada um constata na própria mente quando pensa na probabilidade futura de desfrutar de algo dado ao deleite”. O medo, por sua vez, seria “o incômodo da mente quando pensa num improvável mal futuro” (LOCKE, 2012, p. 238). É com base nessa acepção que trabalharemos a questão da esperança como sentimento catalisador de uma reforma política no Brasil.

Antes de tudo, para que tenhamos ambiente político para uma reforma dessa dimensão, é fundamental que mantenhamo-nos unidos, esperançosos e crentes de que o ser humano nasceu para o bem, para a justiça e para alcançar a sua felicidade. Apesar de todos os convites à desesperança, é preciso resistir. Como inspiração, vale lembrar o que disse Mandela, ao afirmar que, mesmo durante os momentos mais sombrios na prisão, quando ele e os seus companheiros foram levados ao extremo dos seus limites, ele enxergava um vislumbre de humanidade em um dos guardas, o suficiente para se manter esperançoso e continuar vivendo. “A bondade do homem é uma chama que pode ficar escondida, mas nunca apagada”, registrou Mandela (2012, p. 761).

A esperança é tão poderosa que Dante Alighieri, na *Divina Comédia*, ao descrever a entrada do

inferno, põe o poeta Virgílio a ler a advertência: “Deixai toda a esperança, ó vós que entraís!”. Sem ela, vem o desespero, que é o próprio inferno. “A esperança é, talvez, o próprio tecido de que nossa alma é feita. É a respiração da alma”,¹ afirmou Gabriel Marcel. É de fundamental importância resistir e insistir em ter o arbitramento político de nossas vidas. É difícil imaginar saída fora disso.

A esperança como elemento aglutinador de uma reforma política no Brasil é um sentimento paciente, porque acredita que o futuro propiciará a concretização de suas convicções. Apesar do engajamento e da firmeza, sabe que a violência a corrompe, razão pela qual dela deve se afastar. Além disso, reconhece o valor da ajuda recíproca ao grupo interessado em dias melhores, ainda que haja, em alguns pontos, divergências. É um movimento moderno, que compreende as nossas conquistas como algo de valor e pelo qual se deve lutar. Sua marca é a disposição à reconciliação.

Lutar esperançosamente por uma reforma política desejando a reconciliação de um povo que foi dividido pelos seus próprios líderes. Esse é um ideal pelo qual é justo, e nobre, lutar. E essa é uma luta que já começou.

3 Reformar sem medo. Reformar com esperança

“Quando o indivíduo supera o medo, emoções positivas assumem o controle, à medida que o entusiasmo ativa a ação, e a esperança antecipa as recompensas por uma ação arriscada”, ensina Manuel Castells (2013, p. 19). A associação entre medo e esperança encontra ressonância em Spinoza, para quem “se concebemos que uma coisa que está por vir é boa e pode ocorrer, daí a mente adquire essa forma que denominamos esperança

e que não é mais que uma certa espécie de alegria mesclada com um pouco de tristeza”. Para Spinoza (2012, p. 109), se, contudo, “julgamos que a coisa que pode ocorrer é má, daí vem à nossa mente a forma que denominamos medo”. Além de destacar que “não há esperança sem temor, nem temor sem esperança”, Spinoza (2009, IV, proposições 47 e 50) afirma que “quanto mais nos esforçarmos para viver sob a conduta da razão, mais nos esforçamos para nos tornar menos dependentes da esperança”.

A tentativa de não nos tornarmos dependentes da esperança é bem diferente de não termos esperança. Apesar de não querermos que esse sentimento paralise a nossa capacidade de lutar por uma reforma política, anulando outro sentimento poderoso, que é a coragem, devemos manter viva a esperança pela chegada de um tempo compatível com a nossa aspiração por justiça, por uma vida política digna, pelo exercício da cidadania e por nos submetermos a um governo cujo controle seja mais eficaz.

David Hume chama tanto a esperança como o medo de “paixões diretas”. Para ele, “exatamente o mesmo acontecimento que, se fosse certo, produziria tristeza ou alegria, dá origem ao medo ou à esperança quando apenas provável e incerto”. Segundo Hume, “a esperança e o medo surgem das diferentes misturas dessas paixões opostas de tristeza e alegria, e de sua união e conjunção imperfeita”. Em seguida, explica: “é o bem ou mal provável que comumente produz esperança ou medo; porque a probabilidade, sendo um modo oscilante e inconstante de considerar um objeto, causa naturalmente uma semelhante mistura e incerteza das paixões” (HUME, 2009, p. 480). É um clássico.

Nenhuma reforma política no Brasil pode ter como meta o ódio ou a revanche. O sentimento condutor há de ser a esperança de que, um dia, todos estaremos juntos, vivendo sobre o solo que escolhermos para estar. Falando sobre a esperança,

1. Em *Homo Viator: prolégomènes a une métaphysique de l'esperance*, de 1944, Gabriel Marcel dedica um capítulo ao estudo da esperança. Ver: MARCEL, 1944.

Jürgen Moltmann diz que “ela chama as pessoas a sair de sua apatia e de seu pessimismo e a participar ativamente dos movimentos de libertação”. Segundo ele,

“nosso senso de possibilidade é estimulado pelo medo ao menos com a mesma intensidade do que pela esperança. No medo, está em jogo a nossa vida; na esperança, uma vida plena” (MOLTMANN, 2012, p. 15).

Não podemos esquecer que a saída da apatia, guiada pela esperança, conduzirá o povo à reconciliação, inevitavelmente. Caso seja baseada no ódio, o destino será a revanche, cuja projeção no tempo traz adaptações perversas, impedindo a comunidade tanto de conduzir sua vida com segurança como de estruturar um sistema jurídico voltado para a busca da satisfação de aspirações individuais legítimas.

A esperança está diretamente ligada à crença de que uma determinada ação surtirá efeitos no futuro. Os movimentos políticos fiados na esperança, por sua vez, fincam a ideia de que a mudança da sociedade por meio do engajamento é algo pelo qual vale a pena lutar. Por esta razão, ações devem ser implementadas.

Para André Comte-Sponville, esperança “é um desejo que se refere ao que não temos (uma falta), que ignoramos se foi ou será satisfeito, enfim cuja satisfação não depende de nós: esperar é desejar sem gozar, sem saber, sem poder” (COMTE-SPONVILLE, 2001, p. 58). Por esta perspectiva, a ausência de um ambiente que nos cause orgulho, amor pela vida pública, é o que faz despertar a esperança do grupo. Não uma esperança preguiçosa, irreal ou inerte. Não se trata da construção mental de sonhos distantes ou de fantasias inalcançáveis. É uma esperança corajosa. “Se as pessoas pensam de outra maneira, se compartilham sua indignação e acalentam a esperança de mudança, a sociedade acabará mudando de acordo com seus desejos”, explica Manuel Castells (2013, p. 114).

Para que a esperança seja, de fato, um elemento de um projeto consistente de reforma política, é necessário que a coragem lhe esteja associada, para que o grupo aliado do acesso a direitos consiga reverter as injustiças depositadas em seus caminhos.

A esperança que há de habitar em nós durante a jornada em busca de uma reforma política se volta para a determinação em fazer com que nossas atitudes, solitárias ou coletivas, alcancem um propósito maior. É o estabelecimento de uma nova vida republicana baseada num acordo suprapartidário cuja marca seja o desejo pela união de um povo que preferiu não largar as mãos quando o horizonte não estava visível.

Manuel Castells diz que foi a união que ajudou os manifestantes, mundo afora, a superar o medo, que seria uma “emoção paralisante em que os poderes constituídos se sustentam para prosperar e se reproduzir, por intimidação ou desestímulo – e, quando necessário, pela violência pura e simples, seja ela disfarçada ou institucionalmente aplicada” (CASTELLS, 2013, p. 7 e 8). Como diz Freud: “Numa massa, todo sentimento, todo ato, é contagioso, e isso a ponto de o indivíduo sacrificar facilmente o seu interesse pessoal ao interesse coletivo”.² É preciso reformar para unir. Aglutinar para transformar.

Como estamos falando de uma reforma intrinsecamente política, ela traz riscos. A literatura especializada alerta para isso. “Os riscos da política podem ser temerariamente aumentados ou cautelosamente reduzidos; mas não podem ser completamente evitados, a não ser que se desista da esperança de grandes conquistas”, anota, nesse sentido, Michael Walzer (2008, p. 173). Sai o medo, entra a esperança.

É preciso insistir. O resultado de uma reforma política deve ser, acima de qualquer coisa, a

2. LE BON, Gustave. *Psicologia das massas*. 2. ed. Traduzido por Rudolf Eisler. 1912. p. 16. A citação vem de Freud (2011). A obra de Le Bon pode ser lida na tradução de Mariana Sérvulo da Cunha, publicada pela Martins Fontes, em 2009.

reconciliação. Quando falamos em reconciliação, como resultado do esforço político calcado na esperança, o que estamos afirmando é que o ápice dessa iniciativa deve ser, sempre, a reconciliação, jamais a revanche. A revanche vem com a perseguição aos adversários que não mais estão no poder. No que diz respeito à luta política, vem com a desestabilização persistente calcada na violência. Pela via da reconciliação, não há espaço para nada disso. Uma reforma política que una.

A revanche vem com a perseguição aos adversários que não mais estão no poder.

O processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff deixou um trauma entre aqueles que entendem ter sido, o processo, injusto. Uma reforma política deve ser sensível a isso. Seus líderes devem estar abertos ao perdão e, também, a pedidos de desculpas. Segundo David Schmidt (2009, p. 321):

“Para que desculpas e reparações alcancem sucesso é necessário que haja total aceitação: as vítimas e seus descendentes, para o seu próprio bem, têm de abraçar o objetivo de colocar um ponto final nesse ciclo. Os descendentes das vítimas, para o seu próprio bem, devem aceitar que a culpa não é uma arma a ser usada para sempre contra os descendentes de um perpetrador”.

Sem medo, sem ódio e sem revanches. A esperança se faz presente hoje, mostrando que persistirá como base do futuro do Brasil, pois esta é a marca dos movimentos reformistas em países que, diante das imposições de uma geopolítica conduzida pela força e pelo oportunismo, viram, por um longo período, o forte subjugar o fraco, a injustiça reinar e o mundo chegar a pensar que a vitória final seria do mal, não do bem. Por isso ainda há visões pessimistas, como a de André

Comte-Sponville, que, falando das “armadilhas da esperança” diz, equivocadamente:

“Só esperamos o que não temos, e por isso mesmo somos tanto menos felizes quando mais esperamos ser felizes. Estamos constantemente separados da felicidade pela própria esperança que a busca” (COMTE-SPONVILLE, 2001, p. 36).

Criticando uma fuga para a frente, de esperanças em esperanças, o filósofo propõe uma “tentativa de nos libertar desse ciclo da esperança e da decepção, da angústia e do tédio, uma tentativa – já de nos libertar da própria esperança” (COMTE-SPONVILLE, 2001, p. 40). Ocorre que não há tédio. O que há é coragem e o exercício do direito de ser visto em ação. Superam-se os obstáculos que os governantes, por cinismo, egoísmo e oportunismo, deixaram florescer. Nasce a felicidade pública, fruto de uma luta esperançosa.

Ao contrário do pessimismo de Sponville, Thomas Jefferson, em seu discurso de posse como presidente dos Estados Unidos, em 4 de março de 1801, disse:

“quando contemplo esses objetos transcendentes e vejo a honra, a felicidade e a esperança deste nosso amado país comprometido com essa questão e os auspícios desta época, fico acanhado ao contemplar e modesto perante a magnitude do empreendimento” (CAMBRIDGE..., 2012, p. 45).

É errado supor que a esperança está ligada à apatia, que esperar é não agir, permanecendo numa crença de que algo, algum dia, há de acontecer para que a vida fique melhor. Não é isso o que se verá numa reforma política baseada na esperança. O engajamento persistente, a paciência, a não violência, a mobilização, a união do grupo e a esperança conseguirão erguer uma comunidade política coesa, capaz de resolver suas divergências, unida em sua diversidade. Essa crença na comunidade política é defendida por Manuel Castells, para quem

“só uma comunidade política democrática pode assegurar uma economia que funcione

como se as pessoas importassem, assim como uma sociedade a serviço dos valores humanos e da busca da felicidade pessoal” (CASTELLS, 2013, p. 176).

A grande marca de uma reforma política brasileira é a capacidade de esperar. Uma espera repleta de estratégias, argumentos fortes, união cívica, resistência persistente e a firme crença de que a esperança possibilitará o triunfo da justiça e reconciliará um povo que, pela visão tola dos detentores do poder, foram separados e colocados uns contra os outros. É reformar para agregar, não para segregar.

4 Desesperança com a política tradicional

O cinismo dos poderosos, a indiferença do grupo que os cerca, o desrespeito com a ideia de igualdade e a indignidade insistente são os elementos de desestruturação da política brasileira. É difícil não sucumbir. Há repressão à palavra, tentativas de desestabilizar a Constituição e de colocar os brasileiros uns contra os outros. Demagogos ocupam postos de destaque e o espírito público está em desuso. Os templos estão abarrotados de pessoas sofridas que, diante da miséria da existência, preferem crer num outro mundo, melhor e mais digno do que este. Conseguiram matar a esperança?

A expansão da vulgaridade do consumo, do esnobismo, do esvaziamento de bandeiras éticas em benefício de raciocínios pragmáticos, faz com que haja uma degradação de bens preciosos, como as manifestações artísticas, filosóficas e políticas. Mario Vargas Llosa (2013, p. 21) afirma que alienação é “a ilusão da mentira convertida em verdade”. Viver imerso em superficialidades conduz à alienação. O trabalho estafante alheio ao talento, o cinismo político, a falta de força social e a superficialização de atividades que exigem profundidade vão matando, dia após dia, a esperança de um povo, até que não reste mais nada a motivá-lo.

O escritor moçambicano Mia Couto afirma que a esperança não morre por si mesma. Ela é morta. “Não é um assassinio espetacular, não sai nos jornais. É um processo lento e silencioso que faz esmorecer os corações, envelhecer os olhos dos meninos e nos ensina a perder crença no futuro” (COUTO, 2011, p. 8), registra. Essa morte muitas vezes chega com o desespero. Manuel Castells chama a atenção para as seguintes máculas à manutenção da esperança atualmente: exploração econômica; pobreza desesperançada; desigualdade injusta; comunidade política antidemocrática; Estados repressivos; Judiciário injusto; racismo, xenofobia, negação cultural; censura, brutalidade policial, incitação à guerra; fanatismo religioso (frequentemente contra crenças religiosas alheias); descuido com o planeta azul (nosso único lar); desrespeito à liberdade pessoal, violação da privacidade; gerontocracia; intolerância, sexismo, homofobia e outras atrocidades; a extensa galeria de quadros que retratam os monstros que somos nós (CASTELLS, 2013, p. 16).

Mais poder nas mãos de poucos. Desigualdade de renda crescente. Opressão. Falta de oportunidades reais de ascensão social. Uma geração condenada. Nasce um ciclo vicioso. Exatamente por isso é preciso ser firme e seguir motivado pela esperança de que só o fluxo da marcha por uma reforma política no Brasil trará alívio a todos. “Onde há vida, há esperança”, anotou, em seu diário, Anne Frank, numa convicção corajosa que deve servir de inspiração para nós também.

Temos que resgatar a esperança para que ela nos ajude a suportar renúncias e incitar a coragem. Pip, o personagem de Charles Dickens em um dos seus mais célebres romances, disse: “Ao habituar-me às minhas esperanças, comecei, sem sentir, a notar o efeito delas sobre mim mesmo e sobre os que me cercavam” (DICKENS, 2006, p. 304). E não há movimento político sem coragem. A política costuma ser feita por heróis e heroínas, que não são santos, nem santas, nem irreais. He-

róis e heroínas do povo, de carne e osso, que se lançam na aventura de estabelecer o novo, diante do cinismo dos governantes, da indiferença do poder econômico, do esnobismo cultural e da indignidade legalizada.

O desafio da esperança é composto por uma muralha de aberrações: políticos corruptos, especuladores financeiros, policiais violentos, mídia subserviente, humilhação frequente, falta de oportunidades na sociedade e na comunidade política, torturas, restrição à liberdade de expressão, tirania social, histeria de militantes políticos, recusa em oferecer aos jovens empregos decentes e moradias acessíveis e a irresponsabilidade do governo e dos parlamentares quanto às queixas dos cidadãos (CASTELLS, 2013, p. 108).

Manuel Castells diz ainda que a imensa desigualdade social “tornou-se intolerável aos olhos de muitos dos que sofriam a crise sem esperança nem confiança. O caldeirão de indignação social e política atingiu o ponto de ebulição” (CASTELLS, 2013, p. 159). O caldeirão explodiu. Daí ter razão o abade Christopher Jamison (2011, p. 147), quando diz: “vale a pena parar um pouco para analisar detalhadamente a questão da esperança na nossa vida”. Devemos insistir na reforma política baseada na esperança. Ao final, veremos a nação se reconciliar e todos nós voltarmos a sentar juntos no banquete da República.

5 O papel da esperança na vida política

O papel da esperança é manter politicamente vivos aqueles que, diante do cinismo dos poderosos, das injustiças das leis e da indignidade das condições de vida impostas pelos maus líderes, começam a se sentir exaustos e pensam em desistir. Esse estado de coisas tenta, pela sua perpetuidade, matar a esperança, pois sem ela não haveria o triunfo desse movimento inspirador. O abade Christopher Jamison (2011, p. 147) alerta:

“hoje em dia as pessoas não se dedicam a cultivar a esperança com a mesma energia e a mesma determinação”. Cada dia fica mais difícil.

O papel da esperança é manter politicamente vivos aqueles que começam a se sentir exaustos e pensam em desistir.

Um movimento legítimo em busca de uma reforma política precisa de um sentimento agregador que forneça canais de ajuda recíproca durante a longa jornada a ser percorrida. Além disso, que o sentimento una o grupo, estabelecendo seu foco na busca por uma nova situação, melhor que a anterior, porque mais legítima e voltada a uma vida pública de qualidade.

Elias Canetti recorda que os conteúdos afetivos principais da massa remontam a um passado distante: “Eles surgem bem cedo; sua história é tão antiga quanto a da própria humanidade, e, no caso de dois desses conteúdos, mais antiga ainda”. Segundo Canetti, “um colorido homogêneo caracteriza cada um deles; uma só paixão principal os domina. Uma vez tendo sido discernidos com clareza, torna-se impossível voltar a confundi-los” (CANETTI, 1995, p. 47). Se a esperança é capaz de manter politicamente ativa a nossa comunidade, por que não abraçá-la?

Paolo Rossi chama a atenção para o fato de que a humanidade sempre oscilou “numa situação de incerteza, entre a esperança e o desespero”, e que em muitos momentos de pessimismo generalizado há o “desaparecimento de toda e qualquer possível, mesmo tênue e pálida, esperança” (ROSSI, 2013, p. 20). Estamos numa era de pessimismo. Precisamos resgatar a esperança e, com ela, reformar a política.

Essa degradação tem ares globais. Stéphane Hessel e Edgar Morin denunciam, quanto à França,

o curso perverso de uma política cega que conduz a desastres. Eles querem uma via política de salvação pública: “É o anunciar de uma nova esperança”, dizem. Segundo eles,

“conscientes da dependência francesa diante da mundialização, muitos se sentem impotentes, resignam-se, caem no fatalismo e, perdendo inteiramente a esperança, despolitizam-se ou se enraivecem” (HESSEL; MORIN, 2012, p. 18).

É exatamente aí onde mora o perigo. Ao abrir mão da esperança, a primeira atitude costuma ser fugir da vida política. Com isso, o poder se agiganta na mão dos maus e, conseqüentemente, uma adaptação perversa passa a ser sentida. Ao lado de Edgar Morin, Stéphane Hessel dá ainda o diagnóstico dos tempos atuais, nos quais a luta popular baseada na esperança floresce como única via capaz de assegurar a mudança pela qual a sociedade anseia:

“A dissolução da crença no progresso histórico, as incertezas do presente, as turbulências econômicas, a crise de civilização, tudo isso alimenta as angústias que, por falta de esperança em um futuro melhor, buscam refúgio nas certezas do passado, retrocedem a uma concepção mutilada da identidade nacional, encontram seu bode expiatório no estrangeiro, no imigrante, que, então, passa a ser considerado um inimigo infiltrado no país” (HESSEL; MORIN, 2012, p. 23).

A morte do ser político que há em nós vem pelo trabalho estafante alheio aos nossos talentos. Não conseguimos exercer qualquer reflexão. O que resta é seguir o fluxo das coisas e torcer, em silêncio, por um amanhã melhor. A existência se torna miserável. Ela também vem pelo cinismo político, marcado pela corrupção generalizada que nos desestimula a acreditar que há espaço para o que é certo. A força do dinheiro começa a entrar em espaços dos quais deveria estar distante. O interesse pessoal reina, o oportunismo dá as cartas e passamos a perceber que seria difícil demais mudar tudo. Essa apatia é explicada por

Michael Walzer (2008, p. 164): “Perdemos as convicções sobre nossos interesses e princípios, e por isso não podemos confrontar e superar a energia apaixonada dos demais”. Mas é possível mudar isso. Uma reforma política é a saída.

6 Uma reforma política que mude o mundo

Esperança não é alheamento ou distanciamento. Ter esperança não é simplesmente contemplar. É acreditar que o amanhã será melhor e que, para isso, é preciso persistir na luta por uma vida política de qualidade. Da falta de esperança, vem o medo e, com ele, o desespero. O desespero gera atitudes impensadas, o que resulta, inevitavelmente, em violência generalizada, perda da razão, mortes, prisões e, mais uma vez, na guinada rumo a tensionamentos persistentes. Daí nasce o ódio.

Sobre o fato de a falta de esperança acarretar excessos vinculados à violência, Stéphane Hessel afirma que esse gesto pode ser explicado pela exasperação. Segundo ele, “podemos dizer que o terrorismo é um tipo de exasperação. E que esta exasperação é um termo negativo. Não se deveria ‘ex-asperar’, mas sim ‘es-perar’. A exasperação é uma negação da esperança”. Hessel continua, em alusão à violência: “ela não permite obter os resultados que eventualmente podem ser produzidos pela esperança” (HESSEL, 2011, p. 29).

Uma nação adoece quando seus líderes, direta ou indiretamente, plantam ou toleram o medo, o ódio, a divisão e a revanche na mente das pessoas. O solo passa a germinar o rancor passado de geração para geração. Uma reforma política precisa considerar o grau de exasperação do ambiente político no Brasil hoje em dia.

A ideia de uma reforma política deve deixar o medo de lado e marchar rumo a aspirações legítimas por um governo menos cínico, um capita-

lismo mais humano, uma vida cultural que valorize o talento e o respeito à dignidade dos nossos concidadãos. Derrubamos o muro da inércia, enquanto os poderosos derrubam cidadãos inocentes. Levantaremos os inocentes, mas os poderosos jamais reconstruirão o muro da inércia.

Como previu Manuel Castells, estudar essas revoluções baseadas na esperança possibilita “identificar as sementes da mudança social espalhadas para outros contextos pelos ventos da esperança” (CASTELLS, 2013, p. 24). A condição para que se forme uma massa, a partir dos membros casualmente unidos em uma multidão, é haver algo em comum nesses indivíduos. Estamos falando, segundo McDougall, de “um interesse partilhado num objeto, uma orientação afetiva semelhante em determinada situação e um certo grau de capacidade de influenciar uns aos outros”. Citando uma “massa psicológica” e as manifestações de uma “alma coletiva”, McDougall chama a atenção para o mais importante fenômeno da formação da massa: o aumento de afetividade provocado no indivíduo.

“Difícilmente os afetos dos homens se elevam, em outras condições, à altura que atingem numa massa, e é mesmo uma sensação prazerosa, para seus membros, entregar-se tão abertamente às suas paixões e fundir-se na massa, perdendo o sentimento da delimitação individual” (MCDUGALL apud FREUD, 2011),³ aponta.

Ele introduz, então, o que chama de “princípio de indução direta da emoção por meio da resposta simpática primitiva”, o que, para Freud, é o “contágio de sentimentos”, uma coação automática que torna-se tanto mais forte quanto maior for o número de pessoas em que pode ser notado simultaneamente o mesmo afeto. “A crítica do indivíduo silencia e ele se deixa levar por esse afeto. Mas nisso ele aumenta a excitação dos outros que agiram sobre ele, e assim a carga afetiva dos

indivíduos se eleva por indução recíproca”, anota Freud (2011, p. 35-36).

Um movimento consistente em busca de uma verdadeira reforma política que nos propicie qualidade de vida pública, baseado na esperança, é algo diverso de tudo o que o mundo já viu. É diferente dos forais na Inglaterra no século XIII, quando o que tivemos foi uma tensão extrema seguida de um acordo de cavaleiros. Também da Independência dos Estados Unidos, marcada pela liderança de um grupo com poder preocupado em defender a propriedade privada e encerrar o ciclo de submissão à monarquia. Distancia-se da Revolução Francesa, que abraçou a violência generalizada e, posteriormente, a revanche. Até mesmo da Independência do Brasil esses movimentos da esperança se diferenciam, pois são constituídos por grandes multidões às ruas, organizadas, cujos líderes máximos são munidos de um propósito de reconciliação, de longo prazo, consolidado por décadas de atividade persistente.

Derrubamos o muro da inércia, enquanto os poderosos derrubam cidadãos inocentes.

Um grande movimento brasileiro em busca de uma reforma política voltada às pessoas, não aos seus líderes, baseado na esperança, seria diferente da índole do Estado do bem-estar social, que deu azo às Constituições mexicana (1917) e alemã (1919), no começo do século XX, e, claro, do movimento que resultou na Constituição Federal de 1988. Nenhum desses ciclos de revoluções e grandes movimentos políticos se revestiu das características que marcam uma proposta reconciliadora de reforma política no Brasil. Seria algo novo porque inseriria, como lema, uma reconciliação sincera.

3. MCDUGALL, William. *The Group Mind*, 1920, p. 24.

Gustave le Bon diz que

“quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam semelhantes ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva”.

Ele afirma ainda que “esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente da que cada um sentiria, pensaria e agiria isoladamente”. Para Le Bon, “certas ideias, certos sentimentos aparecem ou se transformam em atos apenas nos indivíduos em massa”.⁴ Para que uma reforma política dê certo, ela precisa, antes de tudo, do envolvimento coletivo.

A esperança é um elemento fundamental de aglutinação e persistência, capaz de fazer com que a coletividade suporte privações difíceis de serem sustentadas pelo indivíduo isoladamente. No Brasil, para se conduzir uma verdadeira reforma política com êxito, é preciso se fiar na esperança.

7 Considerações finais

O ensaio tentou demonstrar que a esperança é uma emoção universal que pode dar o tom de um movimento sinceramente dedicado à reforma política no Brasil. Por meio dela, afasta-se o ódio do processo e possibilita-se que o resultado seja a reconciliação de uma gente que se divorciou do destino de união por circunstâncias mesquinhas alheias à sua vontade.

Diante do chamamento à reconciliação, uma postura nobre que parte de líderes que acreditam na força da esperança como instrumento de união, deixando de lado o ódio e, conseqüentemente, a revanche. Esta é uma crença da qual não devemos nos afastar jamais: a possibilidade de o povo, unido por um desejo agregador, alcançar a felicidade coletiva. Uma felicidade pela qual já começamos a lutar. ■

4. LE BON, Gustave. *Psicologia das massas*. 2. ed. Traduzido por Rudolf Eisler. 1912. p. 16. A citação vem de Freud (2011). A obra de Le Bon pode ser lida na tradução de Mariana Sérvulo da Cunha, publicada pela Martins Fontes, em 2009.

Bibliografia

CAMBRIDGE EDITORIAL PARTNERSHIP. *Líderes e discursos que revolucionaram o mundo*. Tradução de Mayara Fortin e Renato D’Almeida. São Paulo: Universo dos Livros, 2012.

CANETTI, Elias. *Massa e poder*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COMTE-SPONVILLE, André. *A felicidade, desesperadamente*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano? E outras invenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DICKENS, Charles. *Grandes esperanças*. Tradução de Daniel

R. Lehman. São Paulo: Martin Claret, 2006. (Coleção A obra-prima de cada autor; 49. Série Ouro).

EMERSON, Ralph Waldo. *Circles. Essays First Series*. In: ATKINSON, Brooks (Org.). *The Complete Essays and Other Writings*. Nova York: Modern Library, 1940.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HESSEL, Stéphane. *Indignai-vos!* Tradução de Marli Peres. São Paulo: Leya, 2011.

_____; MORIN, Edgar. *O caminho da esperança*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HUME, David. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos*

Bibliografia

- assuntos morais. Tradução de Débora Danowski. São Paulo: Unesp, 2009.
- JAMISON, Christopher. *Como encontrar a felicidade*. Tradução de Maria Silvia Mourão Netto. Revisão da tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- LLOSA, Mario Vargas. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Tradução de Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- LOCKE, John. *Ensaio sobre o entendimento humano*. Tradução, apresentação e notas de Pedro Paulo Garrido Pimenta. São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 2012.
- MANDELA, Nelson. *Longa Caminhada até a Liberdade*. Tradução de Paulo Roberto Maciel Santos. Curitiba: Nossa Cultura, 2012.
- MARCEL, G. *Homo Viator: prolégomènes a une métaphysique de l'esperance*. Paris: Aubier, 1944.
- MOLTMANN, Jürgen. *Ética da Esperança*. Tradução de Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2012.
- ROSSI, Paolo. *Esperanças*. Tradução de Cristina Sarteschi. São Paulo: Unesp, 2013.
- SCHMIDTZ, David. *Os elementos da justiça*. Tradução de William Lagos. Revisão da tradução de Aníbal Mari. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- SPINOZA, Baruch de. *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. Tradução e notas de Emanuel Angelo da Rocha Frago, Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- _____. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- WALZER, Michael. *Política e paixão: rumo a um liberalismo mais igualitário*. Tradução de Patrícia de Freitas Ribeiro. Revisão da tradução de Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.